

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

Ágata Ferreira Ribas

**O DIÁLOGO ENTRE A ETOLOGIA E A TEORIA DO
APEGO:
UMA REVISÃO DE LITERATURA**

Porto Alegre

2021

Ágata Ferreira Ribas

**O DIÁLOGO ENTRE A ETOLOGIA E A TEORIA DO
APEGO:
UMA REVISÃO DE LITERATURA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial à obtenção do título de
Licenciatura em Ciências Biológicas do
Instituto de Biociências da Universidade
Federal do Rio Grande do Sul.
Orientadora: Profa. Dra. Gláucia Helena Motta Grohs

Porto Alegre

2021

CIP - Catalogação na
Publicação

Ribas, Ágata Ferreira
O diálogo entre a etologia e a teoria do apego: Uma
revisão de literatura / Ágata Ferreira Ribas. --
2021.
33 f.
Orientadora: Gláucia Helena Motta Grohs.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Biociências, Licenciatura em Ciências Biológicas,
Porto Alegre, BR-RS, 2021.

1. Apego. 2. Etologia . 3. Parentalidade . 4.
Cuidados parentais . 5. Desenvolvimento infantil . I.
Grohs, Gláucia Helena Motta, orient. II. Título.

Ágata Ferreira Ribas

**O DIÁLOGO ENTRE A ETOLOGIA E A TEORIA DO APEGO:
UMA REVISÃO DE LITERATURA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial à obtenção do título de
Licenciatura em Ciências Biológicas do
Instituto de Biociências da Universidade
Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Gláucia Helena Motta Grohs

_____: Porto Alegre, ____ de novembro de 2021

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Gláucia Helena Motta Ghors
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Luciano Bedin da Costa
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Aldo Mellender de Araújo
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todos que fizeram parte da minha caminhada pela graduação, a minha família e aos amigos que fiz durante o curso. Um agradecimento especial a minha filha Teresa, que nasceu nesse tempo e me despertou ainda mais o interesse de estudar sobre a importância do vínculo entre pais e filhos.

“Não estamos apenas preocupados com a doença ou com os distúrbios psiquiátricos; estamos preocupados com a riqueza da personalidade, com a força do caráter e com a capacidade de ser feliz, bem como com a capacidade de revolucionar e rebelar-se”. DONALD WOODS WINNICOTT

RESUMO

O apego é termo utilizado pela psicologia para definir o vínculo entre pais e filhos, que se forma no início da vida e tem extrema importância em todo o seu decorrer. A etologia como parte da ciência que estuda os padrões de comportamento animal, em diálogo com a psicanálise, contribuiu para a formulação da teoria do apego. Assim sendo, o objetivo deste trabalho é fazer um estudo de revisão de literatura sobre o diálogo entre a etologia e a teoria do apego, com foco nos cuidados parentais e a forma como eles contribuem para o desenvolvimento do vínculo entre pais e filhos. Nossa premissa é que, as ações envolvidas nos cuidados relacionados aos bebês, tais como o contato físico, amamentação, carinho, atenção, acolhimento em situações de ameaça e colo, fortalecem a relação de apego parental, o que contribuirá para o desenvolvimento do indivíduo com maior segurança para explorar o mundo, estabilidade emocional e prevenção de distúrbios de comportamento. Os resultados da pesquisa bibliográfica apontam que os cuidados parentais promotores do vínculo entre pais e filhos estão intimamente relacionados ao afeto, atenção e responsividade. Ações como a contato pele-a-pele após o nascimento e a amamentação contribuem para que essa relação, tão importante para nós mamíferos, se estabeleça da melhor forma.

PALAVRAS-CHAVE: Apego, etologia, parentalidade, cuidados parentais, desenvolvimento infantil.

ABSTRACT

Attachment is a term utilized in psychology to define bonding between parents and children, that takes shape early in life and is of extreme importance throughout. Ethology is a science that studies patterns of animal behaviour, in dialogue with psychoanalysis, contributed to form the attachment theory. Therefore, the goal of this work is to review and study the literature about the dialogue between ethology and attachment theory, focusing on parental care and the way in which they contribute to the development of the bond between parents and children. Our first premise is that, the actions involved in care relative to babies, such as physical contact, breastfeeding, affection, attention, refuge in threatening situations and holding, strengthen the parental attachment relationship, contributing to more safely develop the subject, with more emotional stability and prevent behavioral disorders. The results of the bibliographic research indicate that parental care that promotes the bond between parents and children is closely related to affection, attention and responsiveness. Actions such as skin-to-skin contact after birth and breastfeeding contribute to this relationship, so important for us mammals, to be established in the best possible way.

KEY-WORDS: Attachment, ethology, parenthood, parental care, child development.

APRESENTAÇÃO

A minha relação com a etologia começou por acaso, esbarrando em um livro de capa interessante que estava sendo doado na biblioteca do meu curso. Me interessei pelo assunto e busquei mais sobre o tema, o qual gostei muito. Alguns anos mais tarde, engravidei e logo comecei a pesquisar sobre humanização do parto e as práticas relacionadas a esse tema. Percebi que essa linha se relaciona intimamente com a criação com apego e educação neurocompatível, que busca respeitar e educar a criança conforme sua idade neuronal e desenvolvimento cerebral. No momento da escolha do tema para meu trabalho de conclusão, busquei unir o útil ao agradável, para que aprendesse um conteúdo que seria útil para minha vida. Vivendo a maternidade na pele e os desafios de guiar a vida de um ser humano do zero, estudar sobre o papel do apego me desencadeou várias reflexões sobre a minha educação e sobre o que eu gostaria de construir com a minha filha. A *golden hour* e a amamentação, por exemplo, foram momentos que eu tive o privilégio de experienciar com ela e tenho consciência de que foram importantíssimos para o vínculo que cultivamos uma com a outra. Gostaria de que todas as mulheres que optassem pela maternidade, soubessem da importância desses momentos e desse vínculo que está para nascer. Sendo uma mãe que amamenta uma criança de dois anos, já ouvi inúmeras vezes que minha filha é "muito apegada", como se fosse algo prejudicial para ela. A minha intenção com essa pesquisa é também desassociar a conotação negativa do termo apego, como se as crianças apegadas se tornassem adultos dependentes. Crescemos em uma sociedade que não acolhe as mães e seus recém-nascidos, com leis que garantam uma licença a maternidade e paternidade com o tempo adequado às necessidades do bebê, em contato íntimo com os pais. Portanto, esse trabalho, além de ser um estudo pessoal, é um apelo para que os pais busquem conhecimento sobre a forma como estão se relacionando com seus filhos. Que mundo queremos para eles? Eu com certeza quero que tenhamos cada vez mais pessoas seguras e saudáveis e que o amor prevaleça no nosso convívio.

Ágata Ferreira Ribas

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 METODOLOGIA.....	13
3 REVISITANDO A LITERATURA.....	13
3.1 Histórico da teoria do apego.....	14
3.2 Relação com a etologia.....	15
3.3 O comportamento de apego e os modelos de apego.....	16
3.4 Práticas parentais e estilo parental.....	17
3.5 Contato imediato mãe-bebê.....	18
3.6 Amamentação.....	20
3.7 Carinho e afetividade.....	21
3.8 Distúrbios psicológicos.....	22
3.9 Contribuição da teoria do apego para a prática docente.....	24
4 DISCUSSÃO E ANÁLISE.....	25
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	30

1 INTRODUÇÃO

O apego é termo utilizado pela psicologia para definir o vínculo entre os pais e o bebê, que se forma no início da vida e tem extrema importância em todo o seu decorrer. Os seres humanos, assim como outros mamíferos, nascem com a predisposição ao contato físico, criando laços de afeto com seus cuidadores (BOWLBY, 1989). A partir da década de 1930, psicólogos e psicanalistas começaram a observar os danos causados no desenvolvimento emocional de crianças separadas dos pais no período da Segunda Guerra Mundial (RAMIRES; SCHNEIDER, 2010).

A teoria do apego é então desenvolvida pelo psicanalista britânico Jonh Bowlby (1907-1990), e se encontra na intersecção entre os estudos da etologia e da psicanálise. Assim sendo, a etologia é a parte da ciência que estuda os padrões de comportamento animal. O termo *Ethos* deriva do grego e significa “a natureza das coisas (BOWLBY, 1982). Tal ciência colaborou fortemente no estudo dos períodos sensíveis e de estampagem, referentes ao comportamento animal adquirido no início da vida (FERNANDES; PEIXOTO JUNIOR 2021). Para a psicanálise, esses conceitos contribuem para a compreensão das relações com o objeto e, conseqüentemente, no desenvolvimento humano (FERNANDES; PEIXOTO JUNIOR, 2021). Assim como em outras espécies, os seres humanos apresentam um comportamento de cuidado pré-programado, que irá se desenvolver quando as condições forem favoráveis.

Na nossa evolução, para proporcionar o andar bípede no gênero *Homo*, adaptações anatômicas como a redução da pelve, refletiram na diminuição do tempo da gestação humana. Os filhotes nascem muito antes de estarem aptos para o reino animal, necessitando de cuidados parentais prolongados para garantir a sobrevivência (SILK, 1999). Sendo assim, a função biológica do comportamento de apego é a proteção, que se desenvolveu com a nossa espécie para evitar ataques de predadores, crucial para o nosso sucesso evolutivo (BOLWBY, 1989). A teoria do apego surge para tentar explicar o funcionamento do comportamento de apego, que segundo Bowlby, se trata de qualquer sinal que um indivíduo apresente de alcançar e manter a proximidade de alguém que aparenta estar mais apto para enfrentar alguma ameaça.

O comportamento de apego está sempre vinculado à figura de apego, que será a pessoa a quem se confia, fornecedora de uma base segura na qual o indivíduo irá atuar

(BOLWBY, 1989). Esses laços são estabelecidos normalmente com a mãe, o pai (ou ambos), ou alguém que cumpra esse papel de proporcionar proteção, conforto e suporte (BOWLBY, 1989). A capacidade de estabelecer laços íntimos com indivíduos especiais é uma característica inata do ser humano, que já está presente em nós desde antes do nascimento (BOWLBY, 1989).

Os cuidados parentais são todas as ações de cuidado que os pais realizam com a prole no início da vida, até que se tornem independentes (BRITES, 2015). É nessa fase que o cérebro está se desenvolvendo, e todas as interações iniciais irão compor a arquitetura cerebral do indivíduo (MENDES, 2013). Nas práticas cotidianas de cuidados relacionados ao bebê, a afetividade e a emoção presentes são essenciais para o desenvolvimento emocional desse indivíduo (MENDES, 2013). Existe uma forte tendência de que a mãe e o pai apresentem comportamentos típicos de cuidado, como embalar o bebê, confortá-lo quando ele chora, mantê-lo aquecido, protegido e alimentado (BOWLBY, 1982). Um cuidado sensível e amoroso contribuirá para o desenvolvimento emocional, onde a criança está segura de que obterá ajuda, caso necessite (BOWLBY, 1989). Diversos estudos apontam que pessoas autoconfiantes e emocionalmente mais estáveis tiveram pais presentes e disponíveis quando solicitados (BOWLBY, 1989). Há também uma forte evidência de que o comportamento de apego, assim como a qualidade do vínculo estabelecido, depende das experiências que o indivíduo teve com sua família (BOLWBY, 1989). A qualidade dessas relações estabelecidas entre o bebê e seus cuidadores não influenciam apenas o desenvolvimento da criança, mas também na transformação deste indivíduo em um adulto hábil para enfrentar as adversidades da vida (MOZZAQUATRO, ARPINI E POLLI, 2016). Sendo assim, a chave para garantir a saúde mental da próxima geração gira entorno de cuidados parentais bem-sucedidos (BOWLBY, 1989).

O tema foi escolhido proveniente da conscientização sobre a importância que as relações iniciais têm para vida toda dos seres humanos. Acredita-se que para o desenvolvimento socioemocional ser bem-sucedido, é preciso olharmos com mais atenção para como estão sendo feitos os cuidados iniciais com as crianças. A partir da etologia, buscamos as origens do comportamento entre pais e filhos na nossa espécie e, em diálogo com a psicologia, para tentar compreender quais serão os benefícios que teremos aplicando estes conceitos, enquanto indivíduos e enquanto sociedade. A importância da construção socioemocional nos processos de desenvolvimento deve ser difundida não só para futuros pais, mas também na constituição de políticas públicas,

práticas de educação infantil e leis de proteção à infância (ROSSETTI-FERREIRA & COSTA, 2012 *apud* NEDER; FERREIRA; AMORIM, 2020), afirmativa esta que justifica a escolha do tema para o trabalho de conclusão de curso na área da licenciatura em ciências biológicas.

O objetivo deste trabalho é fazer um estudo de revisão de literatura sobre o diálogo entre a etologia e a teoria do apego, com foco nos cuidados parentais e a forma com que eles contribuem para o desenvolvimento do vínculo entre pais e filhos. Com o propósito de guiar o estudo, surgem as questões de pesquisa: Quais cuidados parentais contribuem para o desenvolvimento do apego entre pais e filhos? Quais são os efeitos do apego entre pais e filhos para o desenvolvimento do indivíduo?

É premissa deste trabalho que as ações envolvidas nos cuidados relacionados aos bebês, tais como o contato físico, amamentação, carinho, atenção, acolhimento em situações de ameaça, colo, contribuem para o fortalecimento do vínculo entre os pais e o filho, o que contribuirá para o desenvolvimento do indivíduo com maior segurança para explorar o mundo, estabilidade emocional e prevenção de distúrbios de comportamento.

2 METODOLOGIA

O presente estudo de revisão de literatura tem como base as diretrizes propostas no livro *A construção do saber*, de Christian Lavinne e Jean Dione (1999). Para pesquisa, os bancos de dados utilizados foram *Scientific Electronic Library (SciELO)*, *Google Scholar* e *Portal de Periódicos da CAPES*. Utilizando as palavras-chave, foram destacados trabalhos científicos publicados a partir do ano 2011. A partir da leitura dos resumos, realizou-se uma seleção dos trabalhos que continham respostas para as nossas perguntas de pesquisa. Também foram utilizados livros que abrangiam a temática do trabalho, principalmente de autores que se destacam no estudo da teoria do apego.

3 REVISITANDO A LITERATURA

O presente trabalho propõe-se a relacionar a etologia com a teoria do apego, visando os cuidados parentais da nossa espécie, assim como salientar a sua importância

no desenvolvimento saudável dos indivíduos. Com o intuito de responder nossas questões de pesquisa e compreender o tema proposto, reunimos alguns conceitos importantes sobre a teoria do apego, listados nos subitens dispostos a seguir. A partir da pesquisa bibliográfica, apresentaremos o histórico da teoria do apego, a sua relação com a etologia, o conceito de comportamento e modelos de apego, o que são práticas e estilos parentais, a importância do contato inicial da mãe com o seu bebê e da amamentação, o carinho e afetividade na relação entre pais e filhos, distúrbios psicológicos associados a privação de contato e a contribuição da teoria do apego para a prática docente. Tais conceitos, além de embasar nossa pesquisa, serão guia das análises aqui feitas.

3.1 Histórico da teoria do apego

Quando se fala na teoria do apego, o primeiro nome que aparece ancorando estes estudos é o do psiquiatra britânico Jonh Bowlby. Ele foi um dos pioneiros nesta área, iniciando suas pesquisas relacionadas ao comportamento, mesclou métodos já utilizados na área da etologia junto ao campo das relações sociais, dando origem a teoria do apego (RAMIRES & SCHNEIDER, 2010; KELLER, 2008; CARVALHO, POLITANO E FRANCO, 2008; ROSSETTI-FERREIRA & COSTA, 2009 *apud* MOURA, 2012). Bowlby acompanhou crianças separadas de seus pais e colocadas em hospitais ou casas de abrigo (RAMIRES; SCHNEIDER, 2010), comparando as que recebiam atenção integral da família. Em seu livro *Attachment and Loss* (Apego e perda: a natureza do vínculo) de 1969, o autor busca compreender como o comportamento de uma criança muito pequena na presença e ausência de sua mãe contribui para o entendimento do desenvolvimento da personalidade desse indivíduo. Para o autor, o vínculo se cria independente da alimentação e do sexo na vida adulta, como acreditavam teóricos anteriores, e a necessidade de contato humano é tão importante quanto a nutrição física (RAMIRES; SCHNEIDER, 2010). Em 1951, Bowlby publica um relatório intitulado *Maternal Care and Mental Health* (Cuidados Maternos e Saúde Mental), que foi utilizado pela Organização Mundial da Saúde (OMS), onde apresentava evidências sobre as influências que os cuidados maternos tinham no desenvolvimento da personalidade durante a primeira infância (BOWLBY, 1989).

As ideias de Bowlby foram complementadas pelos estudos de Mary Aisworth, sua parceira de teoria, que se aprofundou em avaliar a qualidade do apego desenvolvido frente

aos diferentes comportamentos parentais (BOWLBY, 1969/1982). Aisworth desenvolve então o instrumento intitulado como Teste da Situação Estranha, que consiste em colocar crianças frente a diferentes situações, com pessoas estranhas, na ausência ou presença na mãe, afim de avaliar a relação de apego (BOWLBY, 1969/1982).

Contemporâneo a Bowlby, Donald Winnicott iniciou seu trabalho como pediatra, tratando de problemas físicos relacionados aos bebês e crianças (WINNICOTT, 1999). Um tempo depois, percebendo que o desenvolvimento saudável de um indivíduo está relacionado para além das necessidades fisiológicas básicas, migrou para a área da psiquiatria e psicanálise, contribuindo imensamente nos estudos das relações entre pais e filhos na primeira infância (WINNICOTT, 1999). O autor acreditava que a saúde mental dos indivíduos é construída desde o nascimento pela mãe, fornecedora do “ambiente facilitador”, onde os processos evolutivos e as interações naturais do indivíduo com o mundo possam se desenvolver de forma satisfatória, garantindo a base da saúde mental (WINNICOTT, 1999).

O início da formulação da teoria do apego teve forte influência dos estudos etológicos realizados com animais (BOWLBY, 1989). Um exemplo desta contribuição foi o trabalho de Lorenz em 1935, onde a partir de sua observação de patos e gansos, constatou que estes animais mantinham um forte laço com sua figura materna, mesmo sem serem alimentados por ela (BOWLBY, 1989), fato que instigou Bowlby a se aprofundar no assunto da comparação entre as relações humanas. Sendo assim, a etologia como ciência comparativa contribui aos estudos de comportamento humano (FERNANDES; PEIXOTO JUNIOR, 2021).

3.2 Relação com a etologia

A etologia é a parte da biologia que engloba o estudo dos padrões de comportamento específicos de uma determinada espécie (BOWLBY, 1982). Encarrega-se de observar e descrever os comportamentos dos animais em seu ambiente natural, procurando reconstruir sua evolução filogenética, se relacionando com o neodarwinismo (FERNANDES; PEIXOTO JUNIOR 2021). Na medida em que se estudava o desenvolvimento dos comportamentos sociais e das relações em espécies não humanas, naturalmente se contribuía com essa observação em espécies homólogas, favorecendo desta forma o método científico empregado nos estudos clínicos psicanalíticos

(BOWLBY, 1982). No livro de Klaus Thews (1976) *Etologia: a conduta animal, um exemplo para o homem?* o autor faz diversas análises de estudos etológicos realizados com animais, comparando com o comportamento humano, a partir de pesquisas da psicologia. O autor afirma que a partir da observação atenta das complexas interações das condutas dos mamíferos depredadores sociais, podemos conhecer melhor a nós mesmos (THEWS, 1976).

O discurso psicanalítico encontra-se na interseção entre o biológico e a subjetividade humana, trazendo aspectos que são exclusivamente orgânicos, mas também utilizando a linguagem para compreender as múltiplas formas pelos quais esses comportamentos se manifestam (FERNANDES; PEIXOTO JUNIOR 2021). Considerando esse encontro da etologia com a psicanálise, nos cabe aqui desdobrar o principal conceito que iremos abordar no presente trabalho: o conceito do apego.

3.3 O comportamento de apego e os modelos de apego

A teoria do apego é uma tentativa de explicar os comportamentos de apego que os seres humanos desenvolvem entre si, bem como seus aparecimentos, desaparecimentos esporádicos e vínculos duradouros que as crianças estabelecem com indivíduos especiais (BOWLBY, 1989). O comportamento de apego em uma criança será ativado quando ela se deparar com situações adversas que lhes causem dor, fadiga, medo, ou até mesmo na ausência de sua mãe ou figura de apego. Bowlby (1989) faz uma analogia com o sistema fisiológico do corpo, que organizado homeostaticamente, mantém os níveis de pressão sanguínea e temperatura em limites apropriados. No entanto, se tratando de um sistema comportamental, o acesso e a distância da figura de apego é que garantirá os níveis adequados de segurança do indivíduo (BOWLBY, 1989). A função biológica desse comportamento é a proteção contra predadores, pois permanecer próximo de um indivíduo que lhe pareça familiar, em situações de emergência, sempre foi uma boa estratégia evolutiva para se manter vivo (BOWLBY, 1989). A partir da forma que o indivíduo obtiver a resposta sua figura de apego é que irão se desenvolver um dos três possíveis modelos de apego (BOWLBY, 1989).

Três modelos de apego foram descritos pioneiramente por Mary Ainsworth, em 1971, através de seus estudos clínicos: Apego seguro, onde o indivíduo está confiante que terá ajuda da sua figura de apego, caso esteja em alguma situação adversa ou

amedrontadora (BOWLBY, 1989). Normalmente é vinculado aos pais, especialmente a mãe, que está sempre solícita quando requisitada, respondendo de forma amável e suprimindo as necessidades de conforto e segurança do bebê (BOWLBY, 1989). O apego resistente ou ansioso é o caso de quando o indivíduo não tem certeza se terá resposta de sua figura de apego, caso necessite (BOWLBY, 1989). Por conta dessa incerteza, ele tende a demonstrar certa ansiedade frente a separação de sua figura de apego e apresenta dificuldade em situações exploratórias (BOWLBY, 1989). Esse tipo de apego é decorrente dos pais que por vezes se demonstram solícitos e outras vezes não, relacionado a separação e até mesmo ameaças de abandono (BOWLBY, 1989). O terceiro modelo é o do apego ansioso resistente, onde o indivíduo tem certeza de que não terá resposta caso necessite (BOWLBY, 1989). Esse tipo se desenvolve derivado de inúmeras rejeições por parte da mãe na infância, quando a criança busca por conforto e proteção (BOWLBY, 1989). Segundo Bowlby (1989), a forma como os pais tratam seus filhos reflete no tipo de apego que irá se desenvolver. Entretanto, a infância e tipos de tratamento que os pais tiveram de sua família também influencia na maneira como estes agirão com seus filhos (BOWLBY, 1989).

A capacidade exploratória da criança, assim como seu desenvolvimento cognitivo será influenciada pelo padrão de apego estabelecido (SAUR; BRUCK; ANTONIUK; RIECHI, 2018). No estudo de Saur, Bruck, Antoniuk e Riechi (2018), realizado com crianças de um a dois anos, compara-se os modelos de apego seguro e inseguro interferem nos domínios cognitivos, linguísticos e motores (SAUR; BRUCK; ANTONIUK; RIECHI, 2018). Utilizando o instrumento da *Situação Estranha*, de Mary Aisworth (AINSWORTH *et al.* 1978 *apud* BOWLBY, 1989), foram encontradas diferenças significativas quanto aos seus padrões de apego, demonstrando que as crianças que apresentavam o padrão de apego seguro, eram mais dispostas a interagir e se comunicar, utilizando da linguagem verbal (SAUR; BRUCK; ANTONIUK; RIECHI, 2018). As crianças com comportamento de apego seguro brincam, interagem e exploram mais os objetos, fatores que estão intimamente associados ao desenvolvimento cognitivo infantil (SAUR; BRUCK; ANTONIUK; RIECHI, 2018). Assim como os modelos de apego desenvolvidos na relação pais e filhos são importantes nos processos de maturação do indivíduo, outro aspecto importante a salientar diz respeito as práticas educativas e estilos parentais, destacados a seguir.

3.4 Práticas parentais e estilo parental

As práticas educativas parentais são de importante influência no desenvolvimento socioemocional de pais e filhos (MARIN; MARTINS; FREITAS; SILVA; LOPES; PICCININI, 2013). São elas, formadas por um conjunto de estratégias e técnicas disciplinares adotadas pelos pais para a socialização dos filhos (ALVARENGA; PICCININI, 2001). Os pais enquanto agentes de socialização, buscam direcionar o comportamento dos filhos para que sigam certos princípios morais e se tornem independentes e responsáveis (ALVARENGA; PICCININI, 2001). Existem dois tipos de práticas: As indutivas, que indica à criança as consequências de seu comportamento, através de diálogo e explicações; e as de força coercitiva, onde há aplicação direta de força, punição física, privação de privilégios e afeto (ALVARENGA; PICCININI, 2001). Ambos os tipos são utilizados com a finalidade de comunicar a criança o desejo dos pais para que ela modifique o seu comportamento (ALVARENGA; PICCININI, 2001). Nesse contexto, crianças que vivem em lares onde prevalecem as práticas parentais indutivas, apresentam menores índices de problemas de comportamento e depressão (CARDOSO; VERÍSSIMO, 2014). Já as práticas parentais coercitivas desencadeiam nas crianças emoções intensas, como medo, raiva e ansiedade, com a tendência de reduzir a compreensão da situação e a necessidade de uma mudança de comportamento (CARDOSO; VERÍSSIMO, 2014).

Paralelamente, o estilo parental pode ser definido como um arranjo de atitudes voltadas para os filhos, que expressa o comportamento emocional dos pais. Baumrind (1967, 1971; Darling & Steinberg, 1993; Parke & Buriel, 2006 *apud* CARDOSO; VERÍSSIMO, 2014) propõe 3 estilos parentais: Autoritário, autorizante e permissivo. Segundo Bowlby (1969/1982), o estilo parental que mais se aproxima do desenvolvimento de uma relação de apego seguro, é o autorizante. Esse estilo é caracterizado pela responsividade dos pais, o que promove individualidade, autorregulação e autoafirmação, por meio do apoio, afeto, suporte emocional e atenção despendida às necessidades da criança (BAUMRIND, 1991; BAUMRIND, LARZELERE, & OWENS, 2010 *apud* CARDOSO; VERÍSSIMO, 2014). Os pais que mantem uma relação de vinculação segura, são normalmente mais sensíveis e responsivos na sua abordagem com seus filhos (AINSWORTH, 1982; AINSWORTH et al., 1978 *apud* CARDOSO; VERÍSSIMO, 2014).

3.5 Contato imediato mãe-bebê

O contato imediato da mãe com o seu bebê logo após o nascimento parece um evento que naturalmente irá acontecer. Entretanto, principalmente no ambiente hospitalar, ainda é comum a separação da mãe com o neonato, mesmo quando não há necessidade de intervenções médicas urgentes. Esse é um momento importantíssimo para o estabelecimento do vínculo entre mãe e bebê, conhecido atualmente como *golden hour* e indicado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) (PINHEIRO, 2020). O contato pele a pele facilita a amamentação, diminui o risco de mortalidade e traz benefícios à mãe e ao bebê (PINHEIRO, 2020). Winnicott (1999) aponta que uma das práticas que atrapalham o início da interação mãe-bebê é justamente a mãe não estar com seu filho logo após o nascimento. O processo fisiológico da amamentação é desencadeado por uma série de estímulos, tais como a visão, cheiro e contato físico com o seu bebê (WINNICOTT, 1999).

Bowlby (1989) também salienta a importância do contato imediato da mãe com seu bebê nos momentos iniciais de vida. Em um de seus estudos, verificou que as mães que tiveram maior tempo de contato logo nas primeiras horas de vida tinham mais facilidade em acalmar o recém-nascido durante as visitas da maternidade, bem como acariciá-lo e trocar olhares durante a amamentação (BOWLBY, 1989). No mesmo estudo, realizado com mães puérperas, apurou-se que a diferença dos laços maternos é influenciada pelo maior tempo que as mães permaneciam separadas de seus bebês logo após o parto, podendo variar de horas há dias (BOWLBY, 1989). Fucks, Escobal, Soares, Kerber, Meincke e Bordgnon (2015) entrevistaram puérperas adolescentes, buscando identificar se essas mães tiveram momentos com seus bebês logo após o nascimento, e dentro deste cenário, quais as ações promoveram o estabelecimento vínculo entre mãe e bebê. Das dez puérperas entrevistadas, apenas duas tiveram o contato pele a pele inicial com o recém-nascido ainda na sala de parto. As ações que fortalecem o vínculo entre mãe e bebê, tais como o acolhimento, o contato, o toque, a oportunidade da mãe em olhar seu bebê pela primeira vez e conhecê-lo, devem ser estimuladas pela equipe de enfermagem (FUCKS, ESCOBAL, SOARES, KERBER, MEINCKE & BORDGNON, 2015). Para isso, os profissionais envolvidos no momento do nascimento não devem fazer nada além de deixar o bebê no colo de sua mãe, deixando essa interação inicial se estabelecer de forma natural (WINNICOTT, 1999).

Em 1930, pesquisas com símios foram iniciadas pelo professor Harry Harlow na Universidade de Wisconsin (THEWS, 1976). Em seus estudos com macacos *Rhesus*, os

primatas eram separados de suas mães logo após o nascimento e alimentados por mamadeira (THEWS, 1976). Na jaula onde cresciam, um pedaço de arame com um pano cumpria o papel da “mãe”, e os animais se apegaram a essa figura, demonstrando tristeza quando o objeto precisava ser higienizado (THEWS, 1976). A partir desses resultados, notou-se que o apego a figura da materna está muito mais relacionado com o contato físico do que com a fonte de alimento em si, derrubando a crença de que o vínculo se formaria somente a partir da amamentação (THEWS, 1976). O ato físico de segurar e manipular o bebê resultará em circunstâncias favoráveis ou desfavoráveis em termos psicológicos (WINNICOTT, 1999). Segurar o bebê de forma satisfatória facilitará processos de maturação que estão se desenvolvendo nesta fase, enquanto que interrupções constantes dessa ação poderão resultar em falhas na adaptação desse novo indivíduo (WINNICOTT, 1999).

A sensação de proteção física é um valor decisivo no desenvolvimento do vínculo existente entre mãe e filho (THEWS, 1976). Para as crianças, é importante o contato estreito com a pele da mãe nua (THEWS, 1976), e ao nascimento, essa interação prolongada é um dos passos para o sucesso da amamentação (FUCKS, ESCOBAL, SOARES, KERBER, MEINCKE & BORDGNON, 2015), outra ação promotora do apego entre mãe e bebê, que será desenvolvido no próximo item.

3.6 Amamentação

A amamentação é sem dúvida um momento único e íntimo entre a mãe e o bebê. O aleitamento materno, além de toda sua importância nutricional, é um processo fisiológico característico dos mamíferos importantíssimo para o nosso desenvolvimento, tanto físico, quanto emocional. Segundo Bowlby (1982), o apego que se formará entre o bebê e seus cuidadores independe do modo de alimentação usado. Há inúmeros casos de crianças que se desenvolveram de forma satisfatória através de outras fontes de alimento que não são o leite materno (WINNICOTT, 1999). Isso significa que existem outras maneiras com o qual os filhos ligam-se a objetos maternos sem serem alimentados por essa fonte (BOWLBY, 1982). Para Winnicott (1999), a amamentação não é essencial para o desenvolvimento emocional do indivíduo. Entretanto, o autor salienta que a riqueza da experiência da amamentação está em tudo que ela proporciona nesse momento.

Um bebê a quem seguram bem é muito diferente de outro, cuja experiência de ser segurado não foi positiva. Nenhuma observação a respeito de qualquer bebê

tem, para mim, qualquer valor, ao menos que se descreva expressamente de que maneira o seguraram (WINNICOTT, D. W. Os bebês e suas mães, 1999, p. 30).

O ato de segurá-lo e manipulá-lo de forma satisfatória, que para o autor, é mais importante do que a amamentação em si, acontece na maioria dos casos e engrandecem esse momento. No estudo de Fucks, Escobal, Soares, Kerber, Meincke e Bordignon (2015), a ação com maior destaque para promover o vínculo foi a amamentação, propiciando momentos de contato da mãe com o bebê de dez a trinta minutos. Tal evento vai muito além do ato mecânico da alimentação, por ali estar presente uma troca de toques e olhares entre a mãe e o bebê (COELHO; MENEZES; LOBO, 2019). No estudo de Mozzaquatro, Arpini e Polli (2016), realizado com mulheres lactantes, as mães relatam que a amamentação satisfaz para além das necessidades nutricionais do bebê, atendendo às demandas emocionais junto das trocas afetivas que ocorrem nesse momento. Os autores salientam que a forma como a mãe trata o seu bebê nesse momento é importante para a criação do vínculo, e que uma atitude amorosa ajuda a superar as ansiedades que os bebês apresentam nos primeiros meses de vida. Sendo assim, a amamentação contribui positivamente na constituição de vínculos afetivos entre mãe e bebê, além de outros tantos benefícios físicos para o indivíduo durante a vida (COELHO, MENEZES E LOBO, 2019).

3.7 Carinho e afetividade

O carinho e afetividade junto às atividades cotidianas de cuidados relacionados ao bebê é muito importante na construção da relação entre os pais e filhos. No estudo de Neder, Ferreira, e Amorim (2020), que comparou as reações de um bebê na presença da mãe, da avó e de outro cuidador, demonstra a clara preferência da criança pela mãe. Isso porque, diferente dos outros cuidadores, a mãe proporcionou mais do que somente os cuidados básicos relacionados ao bebê, atuando de forma afetiva, com brincadeiras diversas e com maior contato segurando o bebê no colo, comunicando-se e demonstrando emoções (NEDER; FERREIRA; AMORIM, 2020). Tais ações, carregadas de sentimento, possibilitam a construção de uma relação mais próxima com um cuidador central (NEDER; FERREIRA; AMORIM, 2020), que na maior parte dos casos, é a mãe (WINNICOTT, 1999).

Para Mendes e Pessoa (2013), a comunicação afetiva nos cuidados parentais é

importante desde as fases iniciais do desenvolvimento. Em seu estudo comparativo, a autora apresenta dados onde as mães que tratavam seus filhos como pessoas as quais possam atribuir gostos, desejos, emoções e sentimentos, tinham mais facilidade na comunicação. Muito além do que somente seres que se limitam a expressar suas necessidades fisiológicas, as crianças conseguem expressar seus sentimentos, vontades e serem ouvidas com atenção, favorece a conexão entre pais e filhos, além de compor uma base para o processo de socialização das emoções e desenvolvimento saudável (MENDES; PESSÔA, 2013).

Quando digo que a vida começa imediatamente, admito que, no início, a vida adquire uma forma bastante restrita, mas a vida pessoal do bebê certamente começa na época do nascimento. Esses estranhos hábitos dos bebês dizem-nos que existe na vida deles algo mais do que dormir e ingerir leite, e algo mais do que obter satisfação instintiva de uma boa refeição. Esses hábitos indicam que já existe uma criança, vivendo realmente uma vida, acumulando e estruturando lembranças, formando um padrão pessoal de comportamento (WINNICOTT, D. W. Conversando com os pais, 1999, p.21).

Já no Teste da Situação Estranha, Ainsworth (AINSWORTH *et al.* 1978 *apud* BOWLBY, 1989) apresenta que, a criança cuja mãe é sensível, acessível, responde as suas necessidades, aceita o seu comportamento e coopera a lidar com ela, normalmente é mais feliz e exige menos esforço parental (BOWLBY, 1989). Do contrário, mães insensíveis aos sinais de seu filho, tornam-vos ansiosos, infelizes e difíceis (BOWLBY, 1989). Pais que estabelecem uma relação afetiva com seus filhos, com elevados níveis de sensibilidade, aceitação e expressão de afeto, estão providenciando um suporte emocional e conseqüentemente, percebem a expressão do modelo de apego seguro (SIMÕES; FARATE; SOARES; DUARTE, 2013). Em contrapartida, a rejeição faz com que a criança se sinta pouco amada, o que ao longo do tempo poderá influenciar nos modelos internos dinâmicos (SIMÕES; FARATE; SOARES; DUARTE, 2013).

O afeto somado a uma atitude educativa e positiva da mãe, estaria também, consistentemente associado à ausência de problemas de comportamento, enquanto que atitudes como punição física, privação de afeto e ausência foram fatores que contribuíram com problemas de comportamento na infância (PETTIT E BATES, 1989 *apud* ALVARENGA; PICCININI, 2001).

3.8 Distúrbios psicológicos

A qualidade das relações iniciais estabelecidas entre a mãe e o bebê são de extrema

importância para que a criança tenha um desenvolvimento psíquico e emocional saudável (MOZZAQUATRO, ARPINI E POLLI, 2016). Uma das formas de evitar malefícios no desenvolvimento do ser humano é não o privar do contato com seus pais nos momentos iniciais da vida (BOWLBY, 1989). Bowlby (1982) traz sua experiência com tratamento de pacientes com problemas psicológicos, onde na maior parte dos casos possa a eles ser atribuído um tipo de perda ou separação em algum momento da vida. Ansiedade crônica, depressão intermitente ou suicídio são alguns dos tipos mais comuns de problemas que hoje, sabemos serem atribuíveis a tais experiências (BOWLBY, 1982). Além disso, sabe-se que as interrupções prolongadas ou repetidas do vínculo entre a mãe e o filho pequeno, durante os primeiros cinco anos de vida da criança, são especialmente frequentes em pacientes diagnosticados mais tarde com personalidades psicopáticas ou sociopáticas (BOWLBY, 1982).

De acordo com a abordagem etológica, Klaus Thews (1976) traz em seu livro uma pesquisa realizada por mais de quarenta anos de um casal de criminólogos norte-americano, que afirmam ser possível prever ou não se uma criança terá um dia problemas com o código penal, apenas com informações acerca de seu lar. Com uma grande amostra, o casal Sheldon e Eleanor Glueck (GLUECK & GLUECK, 1959 *apud* THEWS, 1976) reuniram dados de quinhentos delinquentes juvenis, na faixa dos doze aos dezessete anos, e outros quinhentos da mesma idade, sem nenhum crime cometido. Os pesquisadores chegam em três fatores familiares decisivos na predisposição para o comportamento delituoso dos jovens: em que medida a mãe cuidou da criança? Qual a atitude punitiva que a mãe tem em relação a ela? Qual é o ambiente íntimo da família? Há uma tendência de que, crianças por quem sua mãe se preocupou muito pouco, que foram castigadas com frequência e por razões incompreensíveis para elas e criadas em famílias sem um sentimento de união afetiva, acabem seguindo um “mau caminho”, com propensão a cometer crimes. A criminalidade é um exemplo da importância que os cuidados familiares e experiências infantis têm na vida do ser humano, assim como reflete nos êxitos escolares e profissionais (THEWS, 1976).

Na pesquisa realizada com macacos *Rhesus* pelo Dr. Harlow (THEWS, 1976), os animais que cresceram isolados apresentam comportamento atípico em comparação aos criados com a presença da mãe e em grupo. Thews (1976) acrescenta:

Alguns ficavam sentados horas inteiras como se estivessem petrificados, com o olhar fixo na parede em frente. As vezes levantavam um dos braços, como se não lhes pertencessem, mantendo os dedos contraídos em um gesto espasmódico e sem sentido – movimento impressionantemente semelhante ao que se observa em algumas pessoas esquizofrênicas. (THEWS, K. Etologia: a

A psicologia moderna está convicta de que os primeiros anos de um ser humano são decisivos para todo o seu futuro destino existencial, e que os erros cometidos nessa fase poderão arruinar toda uma vida (THEWS, 1976). Fernandes e Peixoto Junior (2021) trazem a questão dos vícios orais desenvolvidos na infância, derivados de uma falha na relação objetal do bebê com a mãe. Quando a relação de apego com a mãe é frustrada, a criança tende a desenvolver um impulso de sucção ou voracidade em uma atividade fora de contexto (FERNANDES; PEIXOTO JUNIOR, 2021), como sugar o polegar, por exemplo. Sendo este sintoma também comum na fase adulta, extrapola-se de que os vícios orais em pessoas mais velhas tenham origem em uma frustração na relação objetal primária (FERNANDES; PEIXOTO JUNIOR, 2021).

Em relação aos modelos de apego, Francischetto e Soares (2014) compararam os tipos de apego na infância com a dependência de substâncias psicoativas na fase adulta. Os resultados de seu trabalho mostram que indivíduos com maiores níveis de apego inseguro apresentam seus processos emocionais e comportamentais comprometidos, o que provoca a vulnerabilidade da saúde mental, e em decorrência disso, o uso de substâncias psicoativas (FRANCISCHETTO; SOARES, 2014). Essa pesquisa aponta o apego inseguro como um dos fatores de risco na incidência ao uso de entorpecentes, associando-os à déficits nas habilidades emocionais, sendo o uso de drogas uma tentativa de lidar com adversidades da vida e se autorregular emocionalmente (FRANCISCHETTO; SOARES, 2014).

É importante considerar que distúrbios de personalidade possam estar relacionados à alguma falha no desenvolvimento afetivo na infância, derivados de transtorno e falha na relação de apego com os pais (BOWLBY, 1984). Dessa forma, estudos com o foco nas relações iniciais entre o bebê e seus cuidadores abrem espaço para a detecção precoce de riscos no desenvolvimento, atuando de forma preventiva e evitando que se tornem problemas maiores no desenvolvimento da criança (MOZZAQUATRO, ARPINI E POLLI, 2016).

3.9 Contribuição da teoria do apego para a prática docente

O processo de aprendizagem envolve a afetividade, que ocorre a partir de interações sociais em um processo vincular (SASSI *et al.*, 2018). A escola é um dos

primeiros espaços onde as crianças iniciam interações com outras pessoas, fora do ambiente familiar (SASSI *et al.*, 2018). Angústias e conflitos envolvem essa mudança de ambiente e distanciamento da base segura, tanto por parte das crianças, quanto para os pais. Para adentrar no mundo do aprendizado, a criança necessita ser amada, compreendida, aceita em suas individualidades, respeitada, acolhida e ouvida (SASSI *et al.*, 2018). O professor, ao estabelecer uma relação de apego, deposita em seus alunos a confiança de que precisam para explorar suas habilidades, assim como o ambiente ao seu redor (MOURA, 2012). O comportamento da criança na escola, bem como seu aprendizado, pode ser resultado da relação que ela tem com o professor (SASSI *et al.*, 2018). Uma vez que desenvolve suas experiências através da vivência com o outro, se o professor demonstrar atenção, cuidado, afeto, diálogo, orientação, acolhimento, o aluno poderá sentir segurança e proteção (SASSI *et al.*, 2018). A relação estabelecida entre professor e aluno não deve substituir e nem ser comparada ao vínculo da criança com sua família (MOURA, 2012). Entretanto, o modelo a ser seguido pelos docentes engloba aspectos em comum, como responsividade, afeto e diálogo (MOURA, 2012).

A seguir, considerando o conteúdo reunido acima, buscamos analisar o tema proposto, ao redor dos cuidados parentais que podem contribuir para a promoção do vínculo entre pais e filhos, bem como a sua relação com a etologia e benefícios para o desenvolvimento dos seres humanos.

4 DISCUSSÃO E ANÁLISE

A sensação de proteção física é um valor decisivo para o desenvolvimento do vínculo existente entre mãe e filho (THEWS, 1976). Sendo assim, a qualidade das relações iniciais tornam-se de extrema importância, visto que possibilitará que a criança tenha um desenvolvimento psíquico e emocional saudáveis (MOZZAQUATRO, ARPINI E POLLI, 2016).

Em um contexto etológico, os experimentos com macacos *Rhesus*, realizados pelo Dr. Harlow mostram que, mesmo os animais criados sob condições normais, quando separados de suas mães, apresentam graves transtornos emocionais (THEWS, 1976). Ao retomarem o contato com as mães, permaneciam horas inteiras agarrados a elas, claramente perturbados (THEWS, 1976), o que se pode comparar ao modelo de apego

ansioso em resposta da separação da sua figura de apego. Isso mostra que, os padrões de modelo de apego estão presentes também nos animais, verificado a partir dos estudos de comportamento.

No mesmo livro, Harlow também compara seus experimentos realizados com animais às observações feitas em orfanatos, com bebês separados dos pais, que aos três meses, dormiam excessivamente, chorando muito quando lhes era feito qualquer contato. Após três meses, passavam muito tempo deitados de bruços, calados, perdiam peso e tinham muita propensão a ficarem doentes. Thews descreve em seu livro:

A expressão em seu rosto se tornara fixa e vazia, com os olhos perdidos, pois já não eram capazes de coordenar devidamente sua direção. Nos casos em que se tentou conservar vivas essas crianças, elas se tornaram idiotas, incapazes de se sentar ou de ficar em pé e principalmente, de falar, mesmo já tendo completado três anos de idade (THEWS, K. Etologia: a conduta animal, um modelo para o homem? 1976, p.8).

Esse caso específico, demonstram uma situação extrema de separação e trauma decorrente disso. Entretanto, nos faz entender o quão essenciais são os cuidados e principalmente, o vínculo oriundo deles, não só para a nossa formação enquanto indivíduos sociais, mas também para saúde física e desenvolvimento dos nossos sentidos básicos. Os mamíferos no geral se desenvolverão de forma saudável e confiante se, por perto deles, a mãe estiver para lhe dar suporte, caso necessite (THEWS, 1976).

A família pode ser entendida como uma chave essencial para o desenvolvimento dos seres humanos, crucial em como ocorre seu processo de pressão seletiva ao longo da evolução natural (BUSSAB, 2000). Há em nossa espécie uma predisposição natural para a vinculação familiar e a convivência, através de trocas contingentes e afetuosas está na base da formação do apego (BUSSAB, 2000). O povo !Kung, da África Setentrional, apresenta cuidados maternos intensos, e isso ocorre por conta das mães permanecerem sempre junto aos bebês, mesmo durante suas atividades cotidianas de caça e coleta (BUSSAB, 2000). O contato físico durante a maior parte do dia, permite que a mãe atenda aos sinais de aflição do bebê, amamente-o sempre que ele solicitar, de forma contínua e prolongada e também aumenta a tolerância as “birras” da criança (BUSSAB, 2000). Isso demonstra a associação que os cuidados parentais atenciosos, assim como o contato físico, têm no desenvolvimento da relação vincular que se estabelece entre pais e filhos.

O contato inicial da mãe com o seu bebê logo após o nascimento, ação responsável por estreitar os laços entre os humanos e suas crias, está entre as nossas premissas e, a partir de nossa pesquisa, confirmamos ser verdadeira. Entretanto, há variáveis que podem impossibilitar esse momento pele-a-pele da mãe com o bebê. A partir do instrumento *Vínculo entre padres e*

hijos neonatos, adaptado por Vásquez e Torres (2020), dentre as situações que podem interferir na formação do vínculo está idade gestacional no momento do parto, tendo em vista que a prematuridade apresentou uma menor pontuação na medição no vínculo. A saúde do recém-nascido e da mãe interferem na relação de vinculação que será gerada, pois quando se faz necessário, ocorre a separação dos dois logo após o nascimento para fins de procedimentos hospitalares necessários (VÁSQUEZ; TORRES, 2020). No entanto, há alternativas para que o vínculo se mantenha mesmo neste momento delicado da prematuridade, como o método neonatal conhecido como mãe-canguru (SOUZA *et al.*, 2014). Essa prática consiste em manter o neonato junto ao corpo da mãe, entre os seios, na posição vertical, em contato pele a pele, recebendo o seu calor (SOUZA *et al.*, 2014). Além de promover a ligação entre mãe e filho, traz benefícios para a saúde do bebê, pois o recém-nascido poderá sair do hospital mais rápido, reduzindo assim o risco de doenças adquiridas no ambiente hospitalar (SOUZA *et al.*, 2014).

Quanto a amamentação, tanto Bowlby quanto Winnicott concordam que ela é importante não pelo fato da alimentação em si, mas pelo estreito contato que ela proporciona da mãe com o bebê. Em casos específicos, quando a mãe não pode ou opta por não amamentar, outras formas de alimentação podem ser utilizadas e também são satisfatórias para a criança. Entretanto, Winnicott aponta que há outras experiências envolvidas no ato de amamentar.

“Existem outras formas através das quais um bebê pode experimentar um contato íntimo físico com a mãe. No entanto, eu sentiria muito se a amamentação estivesse ausente em um único caso, simplesmente porque acredito que, a mãe ou o bebê, ou ambos, estão perdendo algo se não passarem por essa experiência.” WINNICOTT, D. W. *Os bebês e suas mães*, 1999, p. 19-20.

O autor cita que o cheiro, o gosto e a experiência sensual da amamentação estão ausentes quando um bebê vê envolta um bico de borracha ao invés do seio da mãe, visto que a vivência sensorial no início da vida é tão importante para os processos de amadurecimento cognitivo e desenvolvimento da personalidade. É preciso que se dê atenção para além da saúde física dos bebês, mas que se proporcione experiências iniciais ricas, com cores, cheiros e sensações intensas, de elevada fecundidade (WINNICOTT, 1999).

Em um cenário mais atual, campanhas de incentivo e materiais são disponibilizados pelo Sistema único de saúde (SUS), estimulando o aleitamento materno pelos diversos benefícios que ele traz, tanto para o bebê, quanto para a mãe. No Caderno de Atenção Básica (BRASIL,

2015), distribuído gratuitamente pelo Ministério da Saúde, salienta-se que o leite materno, além de ter todos os nutrientes que o bebê necessita para crescer saudável, diminui o risco de alergias, previne doenças infecciosas, reduz o risco de obesidade, proporciona um bom desenvolvimento da cavidade oral e tem efeito positivo na inteligência do indivíduo. Há estudos comparativos, entre crianças que foram amamentadas das que não foram amamentadas, e observou-se uma vantagem no desenvolvimento cognitivo do primeiro grupo, porém as causas ainda não são totalmente conhecidas (BRASIL, 2015). Alguns defendem que essa capacidade cognitiva significativamente maior está vinculada às substâncias presentes no leite materno que estimulam desenvolvimento cerebral (BRASIL, 2015). Outros, fazem analogia à relação que a criança desenvolve com a mãe no momento da amamentação (BRASIL, 2015), o que se confirma com base no nosso estudo acerca da teoria do apego.

As consequências da privação de contato, assim como a ausência de vínculo com os semelhantes, podem ter consequências graves no desenvolvimento psicológico de alguns animais, incluindo os humanos. Para Bowlby (1989), a saúde mental da criança é resultado da relação íntima, calorosa e contínua que ela estabelece e mantém com sua mãe, ou uma figura que cumpra esse papel. O estresse causado pela privação materna pode acarretar em alterações do sistema nervoso e falhas na comunicação dos neurônios, interligados com predisposições às psicopatologias (SOUZA; FREIRE; SOUZA; ARAUJO, 2020). Cada vez mais frequentes, diagnósticos como a depressão, a ansiedade e o suicídio podem estar associadas a perdas e separações durante a vida, assim como falhas da vinculação precoce (BOWLBY, 1989). Outras condições, como vícios orais (FERNANDES; PEIXOTO JUNIOR, 2021), aumento na chance do uso de substâncias psicoativas (FRANCISCHETTO; SOARES, 2014) e até mesmo envolvimento em crimes (THEWS, 1976), são vistos como distúrbios decorrentes da ausência de uma base segura.

Há, contudo, variáveis que interferem na forma como os pais tratam seus filhos. Eventos estressantes no ambiente extrafamiliar podem interferir no comportamento dos pais (ALVARENGA, 2016). O caminho mais promissor na relação entre pais e filhos é, de fato, que os cuidados sejam realizados de forma sensível e afetuosa. Entretanto, para Alvarenga (2016), as contingências punitivas brandas e ocasionais podem ser aplicadas e, em certos contextos, são inevitáveis. Pode existir uma forma de utilizar a coerção de forma moderada e sensível. Muito além da prática ou estilo parental utilizado, a sensibilidade e empatia facilitam o caminho para uma comunicação e relação de sucesso. No momento de interação com os filhos, é importante

que os pais sejam sensíveis na sua abordagem e considerem a resposta da criança (ALVARENGA, 2016).

Outro fator, importante a ser pensado, que poderá interferir no tratamento com os filhos, é o histórico de cuidados que os pais trazem de suas infâncias. Bowlby (1989) traz, a partir do estudo de Main, Kaplan e Cassidy (1985 *apud* BOWLBY, 1989), sobre uma forte correlação da forma como a mãe descreve o relacionamento com seus pais durante a própria infância e o modelo de apego com seu filho. Há mães que apresentam dificuldades em falar sobre a própria infância e têm filhos que demonstram o modelo de apego ansioso (BOWLBY, 1989). Por outro lado, o mesmo estudo mostra que outras mães que descrevem sua infância como infeliz, tem filhos com comportamento de apego seguro (BOWLBY, 1989). É possível perceber que, apesar de haver influências dos cuidados de uma geração para outra, há caminhos que buscam compreender esses fatores, reconhecê-los e tratá-los utilizando de recursos terapêuticos (BOWLBY, 1989). Bowlby (1989, p.133) cita uma frase de Freud que diz: “aquilo que não foi compreendido inevitavelmente reaparece; como um fantasma que não pode descansar, até que o mistério tenha sido resolvido e encanto quebrado”. Dessa forma, estudando e reconhecendo o reflexo que os cuidados com as crianças têm no desenvolvimento dos indivíduos, possibilitará que práticas traumáticas e desfavoráveis não se perpetuem nas próximas gerações.

Apesar da teoria do apego, segundo Bowlby (1989), ter suas raízes na etologia, é preciso cautela ao comparar esses estudos e trazer afirmações a partir disso. Winnicott (1994), em seu livro *Considerações Psicanalíticas* (1994), levanta uma crítica ao trabalho de Bowlby, devido as simplificações que o autor faz ao relacionar os estudos etológicos com análises clínicas feitas com crianças. Para Winnicott (1994), o desenvolvimento psicológico de um ser humano é complexo e com muitos fatores envolvidos para ser comparado somente ao comportamento dos animais. O autor cita ainda que: “para um analista, a etologia é um beco sem saída” (WINNICOTT, D.W. 1994, pág. 327), isto porque, ela é útil e contribui com métodos e conhecimentos, mas lhe faltarão informações para chegar a uma conclusão.

Apesar de ser um tema mais explorado pela área da psicologia, a revisão de literatura nos mostra que a etologia contribuiu na formulação e dialoga com a teoria do apego. Nossa espécie evoluiu com o comportamento de apego e predisposição para a vinculação familiar, e a convivência e trocas afetuosas fizeram parte da pressão seletiva e evolução natural dos seres humanos (BUSSAB, 2000).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da pesquisa bibliografia realizada no presente estudo, percebe-se que os cuidados parentais promotores do vínculo de apego entre pais e filhos estão intimamente relacionados ao afeto, atenção e a responsividade. Ações como a contato pele-a-pele após o nascimento e a amamentação contribuem para que essa relação, tão importante para nós mamíferos, se estabeleça da melhor forma.

Os estudos etológicos demonstram, a partir da observação do comportamento dos primatas não-humanos, a importância do estreito laço entre pais e filhos para o desenvolvimento dos indivíduos. O apego com os cuidadores, não só está relacionado a prevenção de distúrbios psicológicos, como ansiedade, depressão e esquizofrenia, além de contribuir para a formação dos processos cognitivos e emocionais, criando indivíduos mais seguros e independentes, através da sua base segura.

Apesar da teoria do apego ser um assunto amplamente estudado na área da psicologia, há ainda pouco conhecimento disponível sobre os cuidados primários que contribuem para o desenvolvimento do vínculo de pais e filhos, relacionados ao universo da etologia e da biologia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVARENGA, Patrícia; PICCININI, Cesar. Práticas Educativas Maternas e Problemas de Comportamento em Pré-Escolares. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, [S.L.], v. 14, n. 3, p. 449-460, 2001. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-797220010003000>

BRITES, Alice Dantas. Cuidado parental: como as diferentes espécies cuidam de seus filhotes. **Com Ciência: Revista eletrônica de jornalismo científico**, [s. l.], p. 1, 10 maio 2015. Disponível em: <https://www.comciencia.br>. Acesso em: 14 set. 2021.

BOWLBY, John. **ATTACHMENT AND LOSS: volume 1 attachment**. 2. ed. New York: Basic Books, 1969/1982. 326 p.

BOWLBY, John. **Formação e rompimento dos laços afetivos**. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

BOWLBY, John. **Uma Base Segura: aplicações clínicas para a teoria do apego**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989. 202 p.

BRASIL. **Saúde da criança: aleitamento materno e alimentação complementar**. 2. ed. – Brasília: Ministério da Saúde, 2015. 184 p.: il. – (Cadernos de Atenção Básica; n. 23).

BUSSAB, Vera Sílvia Raad. A família humana vista da perspectiva etológica: natureza ou cultura?. **Interação em Psicologia**, [S.L.], v. 4, n. 1, p. 1-7, 31 dez. 2000. Universidade Federal do Paraná. <http://dx.doi.org/10.5380/psi.v4i1.3322>.

CARDOSO, Jordana; VERÍSSIMO, Manuela. Estilos parentais e relações de vinculação. **Análise Psicológica**, [S.L.], v. 31, n. 4, p. 393-406, 6 jan. 2014. ISPA - Instituto Universitario. <http://dx.doi.org/10.14417/ap.807>

COELHO, Adriana Serrão; MENEZES, Rakelen Ribeiro de; LOBO, Maria Raika Guimarães. A importância da amamentação na formação de vínculos afetivos saudáveis entre mãe/bebê. **Bius -Boletim Informativo Unimotrisaúde em Sociogerontologia**, [s. l.], v. 12, n. 5, p. 1-15, 03 set. 2019.

FERNANDES, Julia Braga do P.; PEIXOTO JUNIOR, Carlos Augusto. Apego e comunicação: considerando o desenvolvimento infantil sob a ótica da etologia e da psicanálise. **Psicologia Usp**, Rio de Janeiro, v. 32, p. 1-11, jan. 2021. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0103-6564e190144>.

FRANCISCHETTO, Vanuza; SOARES, Adriana Benevides. Social skills and attachment styles on psychoactive substance addicts. **Psychologica**, [S.L.], v. 2, n. 57, p. 35-52, 2014. Coimbra University Press. http://dx.doi.org/10.14195/1647-8606_57-2_2.

FUCKS, Ingrid dos Santos; ESCOBAL, Ana Paula; SOARES, Marilu Correa; KERBER, Nalu; MEINCKE, Sonia; BORDGNON, Simoní. A sala de parto: o contato pele a pele e as ações para o estímulo ao vínculo entre mãe-bebê. **Avances En Enfermería**, [S.L.], v. 33, n. 1, p. 29-37, 5 ago. 2015. Universidad Nacional de Colombia. <http://dx.doi.org/10.15446/av.enferm.v33n1.47371>.

LAVILLE, Christian; DIONE, Jean. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: Artmed, 1999. 342 p.

MARIN, Angela Helena; MARTINS, Gabriela dal Forno; FREITAS, Ana Paula Corrêa de Oliveira; SILVA, Isabela Machado; LOPES, Rita de Cássia Sobreira; PICCININI, Cesar Augusto. Transmissão intergeracional de práticas educativas parentais: evidências empíricas. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, [S.L.], v. 29, n. 2, p. 123-132, jun. 2013. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-37722013000200001>.

MENDES, Deise Maria L. Fernandes; PESSÔA, Luciana Fontes. Comunicação afetiva nos cuidados parentais. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 18, n. 1, p. 15-25, mar. 2013.

MOURA, Gabriella Garcia. **"Quem não pega, não se apega"**: o acolhimento institucional de bebês e a (im)possibilidades de construção de vínculos afetivos. 2012. 238 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Departamento de Psicologia, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2012.

MOZZAQUATRO, Caroline de Oliveira; ARPINI, Dorian Mônica; POLLI, Rodrigo Gabbi. Relação mãe-bebê e promoção de saúde no desenvolvimento infantil. **Psicologia em Revista**, [S.L.], v. 21, n. 2, p. 333, 11 abr. 2016. Pontificia Universidade Católica de Minas Gerais.

<http://dx.doi.org/10.5752/p.1678-9523.2015v21n2p333>.

NEDER, Kaira; FERREIRA, Ludmilla D. M. P.; AMORIM, Katia de Souza. Coconstrução do apego no primeiro semestre de vida: o papel do outro nessa constituição. **Psicologia Usp**, [S.L.], v. 31, p. 1-12, 2020. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0103-6564e190143>.

PINHEIRO, Chloé. **Golden hour**: o que é a hora dourada do parto? 2020. Sociedade Brasileira de Pediatria. Disponível em: <https://www.sbp.com.br/imprensa/detalhe/nid/golden-hour-o-que-e-a-hora-dourada-do-parto/>. Acesso em: 19 set. 2021.

RAMIRES, Vera Regina Röhnelt; SCHNEIDER, Michele Scheffel. Revisitando alguns conceitos da teoria do apego: comportamento versus representação?. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, [S.L.], v. 26, n. 1, p. 25-33, mar. 2010. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-37722010000100004>

SASSI, Franciele *et al.* Contribuições da teoria do apego no contexto escolar. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, [s. l], v. 6, p. 5-28, out. 2018. ISSN:2448-0959.

SAUR, Barbara; BRUCK, Isac; ANTONIUK, Sérgio Antônio; RIECHI, Tatiana Izabele Jaworski de Sá. Relação entre vínculo de apego e desenvolvimento cognitivo, linguístico e motor. **Psico**, [S.L.], v. 49, n. 3, p. 257, 16 out. 2018. EDIPUCRS. <http://dx.doi.org/10.15448/1980-8623.2018.3.27248>.

SIMÕES, Sônia Catarina Carvalho; FARATE, Carlos; SOARES, Isabel; DUARTE, João. Predição do apego de crianças em função do estilo educativo materno e do tipo de família. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, [S.L.], v. 26, n. 1, p. 168-176, 2013. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-79722013000100018>.

SOUZA, Adriano Junio Moreira de; FREIRE, Ana Izabella; SOUZA, Filipe Bittencourt Machado de; ARAUJO, Elizabeth Giestal de. Revisitando a hipótese de Bowlby: teoria do apego, maturação neuroendócrina e predisposição para psicopatologias. **Research, Society And Development**, [S.L.], v. 9, n. 11, p. 1-20, 17 nov. 2020. Research, Society and Development. <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i11.9895>.

SOUZA, Luís Paulo Souza e *et al.* Método mãe-canguru: percepção da equipe de enfermagem na promoção à saúde do neonato. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, Fortaleza, p. 374-380, set. 2014.

THEWS, Klaus. **Etologia**: a conduta animal, um modelo para o homem? São Paulo: Círculo do Livro S.A., 1976. 254 p.

VASQUEZ, Alix Nathalya Vargas; TORRES, Myriam Patricia Pardo. Validez y consistencia interna del instrumento Vínculo entre padres e hijos neonatos. **Enfermería Global**, [S.L.], v. 19, n. 3, p. 255-285, 18 jun. 2020. Servicio de Publicaciones de la Universidad de Murcia. <http://dx.doi.org/10.6018/eglobal.403721>.

WINNICOTT, Donald Woods. **Explorações psicanalíticas**. Porto Alegre: Artmed, 1994. 435

p.

WINNICOTT, D. W.. **Conversando com os pais**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 157 p. Tradução de: Álvaro Cabral.

WINNICOTT, Donald Woods. **Os bebês e suas mães**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. Tradução de: Jefferson Luiz Camargo.